

## Comunidades carentes recebem orientações para o uso racional de energia



A empresa AES Eletropaulo promove projeto para educar moradores da periferia paulistana sobre como economizar energia elétrica. O projeto ainda oferece atividades para crianças e atendimento para esclarecer dúvidas sobre a Previdência Social. Alunos da Uninove participaram voluntariamente do projeto no CEU Vila Atlântica, em Pirituba.

*Página 4*

### São Paulo define metas para melhoria do transporte

O secretário Municipal de Transportes fala sobre algumas soluções para a melhoria no sistema, como o bilhete único integrado com o metrô e trens da CPTM.....Página 7



### Lei prevê punição para violência doméstica

Nova “Lei Maria da Penha” determina que os homens responsáveis por agressões domésticas podem ser presos.

A lei recebe o nome de uma cearense cujo marido tentou matá-la duas vezes e a deixou paraplégica.  
Página 10

Fogão ecológico brasileiro ganha prêmio

Página **6**

Sapato plataforma vira febre no Brasil

Página **11**

Bóris Casoy avalia mercado de trabalho

Página **13**

Beisebol ganha adeptos e exporta jogadores

Página **15**

# UNINOVE



Centro Universitário Nove de Julho  
- UNINOVE -

**Vila Maria**  
Rua Diamantina, 310  
Vila Maria - Cep: 02117-010  
Tel.: 6633-9000

**Memorial**  
Rua Adolfo Pinto, 109  
Barra Funda - Cep: 01156-050  
Tel.: 3665-9000

**Vergueiro**  
Rua Vergueiro, 235/249  
Liberdade - Cep: 01504-000  
Tel.: 3385.9000

**www.uninove.br**  
Tel.: 0800-120404

**Chanceler**  
Professora Lydia Patrícia Storópoli  
(in memoriam)

**Reitor**  
Professor Eduardo Storópoli

**Pró-reitora Acadêmica**  
Professora Maria Cristina B. Storópoli

**Pró-reitor Acadêmico Adjunto**  
Professor Flávio Henrique dos Santos Foguel

**Pró-reitor Acadêmico Adjunto**  
Professor José Augusto Peres

**Pró-reitor Acadêmico Adjunto**  
Professor Angelo Palmisano

**Diretora do Departamento de Ciências  
Sociais Aplicadas**  
Professora Marta Fanchini

**Coordenadora do Curso de Jornalismo**  
Professora Gabriela Pavanato Sardinha



**Coordenador de Produtos Jornalísticos**  
Professor Renato Vaisbih  
(renatov@uninove.br)

## EDIÇÃO

### Orientador

Professor Renato Vaisbih  
(renatov@uninove.br)

### Editores

Daniele Alves, Elisa Limbeck,  
Júnior Alves, Renata Bernardino

## DIAGRAMAÇÃO

### Oreintador

Professor Alexandre Barbosa  
(alexandre\_barbosa@uninove.br)

### Diagramadores

Marcela E. P. Santos  
Kwan Hee Kim  
Sanny Hosney Mahmoud Mohamed  
Walter T. Junior

### Revisão

Professor Murilo Jardelino da Costa

**Impressão / fotolitos**  
Gráfica Uninove

# Ao Leitor

Nesta edição de A Página você encontrará assuntos polêmicos como prostituição e violência doméstica, moda, entrevista com o jornalista Boris Casoy, problemas com o sistema público de transportes e curiosidades.

Na reportagem das páginas centrais, conheça as dificuldades enfrentadas pelas garotas de programa que trabalham sem reconhecimento e expostas a todos os tipos de violência, além do aumento da prostituição infantil que está ligado a vários fatores. Ainda sobre violência veja a mudança da lei sobre a violência doméstica e familiar contra a mulher.

Na página 3 confira os artigos de opinião sobre o sensacionalismo que incorporou a sociedade e a imposição do padrão de beleza.

Você também saberá mais sobre o projeto da AES Eletropaulo que, através de parceiros como a Uninove, leva conscientização sobre o uso da energia e informações para a população carente.

Também vai conhecer o engenheiro brasileiro que ganhou um prêmio no exterior pelo Ecofogão. Quer saber o que é o Ecofogão? Leia a reportagem na página 6.

Você sabia que o uso de sapatos de salto alto pode causar danos à saúde? Veja na página 11 os problemas que o sapato plataforma, apontado como tendência de moda, pode causar. Complementam a edição reportagens sobre o dirigível da Goodyear e o aumento do interesse pelo beisebol entre os jovens.

Boa leitura.

## Sumário

### Opinião

Sensacionalismo e a ditadura da beleza ..... 3

### Cidadania

Projeto da AES Eletropaulo informa comunidade carente ..... 5

### Meio-Ambiente

Engenheiro brasileiro ganha prêmio pelo Ecofogão ..... 6

### Cidades

Cidadãos sofrem com transporte público ..... 7

### Direitos Humanos

Prostitutas querem a regularização da profissão ..... 8

### Direitos Humanos

Iniciativa contra a prostituição infantil ..... 9

### Legislação

Mudança na lei sobre violência doméstica ..... 10

### Estilo

Calçado pode trazer problemas à saúde ..... 11

### Entrevista

Bóris Casoy fala sobre a carreira no jornalismo ..... 13

### Aventura

O perfil do dirigível mais conhecido dos paulistanos ..... 14

### Esportes

Brasil exporta jogadores de beisebol ..... 15

# Sensacionalismo na sociedade contemporânea

Por Thiago Cosmo da Silva Dias

Certa manhã, enquanto lia o jornal, fixei os olhos em uma das manchetes de capa: “CRIANÇA DE 4 ANOS É CHEFE DE QUADRILHA.” Por alguns instantes, isso me paralisou, mas logo eu voltaria ao mundo real. Segundo a notícia, publicada no dia 21 de agosto de 2006, página 4, do jornal “Destak” (distribuído gratuitamente nas estações de metrô), a criança comandava sete meninos, todos entre sete e nove anos. A quadrilha agia em um parque de diversões, com pedaços de pau e estiletos velhos, roubando doces e brinquedos das demais crianças. Os pais de todos os meninos foram indiciados e poderão até ser presos. O fato ocorreu e foi descoberto na Polônia.

No mesmo dia, o JN iniciara sua exibição com a notícia: “PAI MATA OS 3 FILHOS E SE SUICIDA”. Segundo o jornal, o pai havia dopado os 2 filhos mais velhos e dado um tiro na testa de cada um. O mais novo tomara dois tiros: um no estômago e outro na cabeça. Após matar os 3 filhos, o pai suicidou-se e deixou um recado para a esposa. O advogado da família acredita que o pai freqüentava alguma seita ou religião que o obrigou a fazer isso, já que a família vivia em harmonia e não tinha problemas financeiros.

No dia seguinte, o jornal “Agora” publicou a notícia de capa: “AVIÃO CAIEMATA 45 CRIANÇAS.” Confesso que isso me abalou: imagine, 45 crianças mortas por falha no motor de um avião!

Aposto como ficamos impressionados com a seriedade das três notícias. Mas pense-

mos: Será que essas notícias são tão importantes e interessantes para serem colocadas na 1ª página de um jornal ou abrir um jornal televisivo? Observemos que os jornais impressos, são direcionados para a parte “trabalhadora”, pois um é distribuído gratuitamente e outro trabalha muito com recursos de cores, fotografias, e custa apenas R\$1,50. Quanto ao JN, é o mais assistido do país, pelas mais diferentes personalidades.

Na realidade, o fato de usar tais notícias na 1ª página ou na abertura do jornal televisivo, deve-se a um fator chamado Sensacionalismo. Mas o que é isso?

O “sensacional” é algo grotesco, meloso, dramático. A mídia, em especial a escrita, é fera nisso. O sensacionalismo ocorre quando uma determinada notícia, seja ela transmitida pelo rádio, pela TV, ou por meio dos jornais, provoca uma reação física e/ou psíquica no leitor. Como assim? É simples: aquilo que vemos e chama nossa atenção de alguma forma. Ao ler a notícia da queda do avião, por exemplo, podemos comentar com um amigo: “Nossa, você viu? Tadinhas daquelas crianças que estavam no avião! Talvez tivessem um futuro brilhante!” É justamente esse sentimento que a mídia quer causar em nós: de tristeza, de emoção. Em resumo, é tudo aquilo que choca, que causa uma reação, muitas vezes sentimental no indivíduo.

Para Marcondes Filho, o dito “sensacionalista” é o grau mais radical de mercantilização da informação: tudo o que se vende é aparência e, na verdade, vende-se

aquilo que a informação interna não desenvolverá melhor que a manchete. Assim, as manchetes, muitas vezes, utilizam esse recurso sensacional, mas a notícia nem sempre tem essas características, pois é ao ler a manchete que o leitor se interessará ou não por determinado assunto.

O discurso informativo pode se inspirar em determinadas formas narrativas e, no popular, com características melodramáticas, grotescas ou, até mesmo, folhetinescas. O conceito de Angrimani Sobrinho é o mais adequado para sintetizar tudo isso sobre o que acabamos de refletir, pois para ele o sensacionalismo é tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento. Esse conceito é mais adequado, pois para o autor, o sensacionalismo é a produção do noticiário que extrapola o real e superdimensiona o fato.

O sensacionalismo encontra-se presente no cotidiano do paulistano: no rádio, na TV, nos jornais impressos, e em outros meios que estabeleçam comunicação entre as pessoas. Por que será, por exemplo, que quando vemos um acidente de carro e o motorista sai do carro apenas mancando, nós olhamos e dizemos: “Ah, não foi nada de grave!” e, quando o cara sai do carro com a cabeça ensanguentada, falamos: “Nossa, foi muito sério, ele está até sangrando!”. São em ações como essas que percebemos o quanto a ideologia da mídia nos aliena, acompanhada de uma série de transgressões a diversas regras culturais do nosso país.

## Bela Ditadura

Por Fábio Pereira

Comprar e vender, eis aí a razão de ser de toda típica sociedade capitalista. E, no seu auge, essa eterna rotina extrapolou os limites da simples comercialização de produtos palpáveis, mensuráveis. Hoje, com cartões de crédito, cheques pré-datados e inumeráveis carnês de prestações é possível ao consumidor adquirir idéias, comprar tendências, financiar padrões de beleza.

Muitas mulheres, por exemplo, sofrem quando se deparam com as capas de revistas. Iludidas, acham que a magreza de Anas e Giseles, andarilhas de passarelas tão retas quanto seus corpos, fazem sucesso. Garantia: nove entre dez homens preferem a sinuosidade, o ziguezaguear das linhas corporais da maioria das mulheres. Por isso, abaixo

as “Tops”! Elas só agradam os críticos de moda e aqueles estilistas que se vestem cheios de excentricidade.

Recentemente, em um programa de TV, tive a oportunidade de defender meus princípios contrários aos padrões de beleza atuais. Ao lado de uma dermatologista, que se preocupava em dar dicas para pele mais bonita, citei o escritor Tolstói, que mais ou menos com as seguintes palavras disse isto: “Penso que o sorriso, e só ele, é aquilo que pode se chamar de beleza de um rosto”. Queria assim denunciar a estética estática dos tempos modernos e convencer de que é possível ser belo pelas atitudes. Não é por que sou muito diferente daquele rapazinho da novela das oito que eu vou gaguejar quando

falar em público, que me trancarei em casa, que não sonharei com o encontro da pessoa amada. Alta auto-estima para todos! Democriticamente.

Vive-se hoje, mais do que nunca, a ditadura do belo. E o pior: um belo fabricado, artificial. Porque ideal de beleza é íntimo, restrito a indivíduos. Acreditar que é normal, possível e lógico um planeta Terra inteiro ter de achar que certos traços e nuances físicos são bonitos enquanto o resto é monstruoso, no mínimo, trata-se de um absurdo. Com minhas declarações, não quis espantar os pacientes da doutora da pele, mas quis apenas declarar aos cisnes: “nós, os chamados patinhos feios da humanidade, merecemos ter espaço digno na lagoa que é o mundo”

## Eletropaulo e parceiros esclarecem dúvidas de comunidade carente

Por Jorge Eduardo

*O projeto da Eletropaulo proporcionou entretenimento às crianças e esclarecimentos aos pais para o uso racional de energia elétrica, entre outros*

No domingo, 6 de agosto, 11 alunos do curso de Ciências Econômicas participaram do projeto AES Eletropaulo na comunidade, que contou com a parceria da Uninove. Orientados pela coordenadora do curso, a professora Paula Passanezi, eles prestaram atendimento à comunidade carente da região de São Domingos, esclarecendo dúvidas sobre a previdência social. O evento foi realizado no CEU Vila Atlântica, em Pirituba, Zona Oeste de São Paulo, das 10 às 17 horas.

O projeto “AES Eletropaulo na comunidade” está em sua terceira edição, e é uma ação educacional do programa de eficiência energética. Visa educar as pessoas para o uso racional de energia elétrica. Também transmite informações sobre segurança. Como é voltado à população da periferia, oferece shows populares e tenta atrair as crianças e suas famílias com brincadeiras, inserindo informações importantes no meio delas. Possui três áreas de interesse: a regularização de energia (acabar com os famosos gatos), a eficiência energética (poupar energia) e a responsabilidade social (a transmissão de informações relevantes para a comunidade), que fica por conta de parceiros, como a Uninove e a Universidade Metodista.

Em 2005, o projeto teve a presença de mais de 155 mil pessoas, sendo cerca de 9 mil no CEU Vila Atlântica e, nesse ano, já estiveram presentes quase 5 mil pessoas. Os 11 alunos de ciências econômicas prestaram 50 atendimentos. A Uninove tem uma grande participação no evento. Ano passado teve 515 alunos voluntários que prestaram mais de 11,5 mil atendimentos nas áreas de enfermagem, farmácia, nutrição, direito, fisioterapia, turismo, ciências biológicas, odontologia, relações humanas, educação física e biomedicina. Este ano a Uninove participará de 23 eventos em escolas e



Alunos de ciências econômicas na tenda da UNINOVE

CEUs, nas áreas de turismo, biologia, enfermagem, direito, fisioterapia, ciências econômicas, administração e farmácia.

“O projeto tem sido mais conhecido, e nossa intenção é continuar com ele ano que vem também. Prestamos auxílio à comunidade carente, e uma forma de atrair as pessoas, é fazer um evento voltado ao público infantil. Com isso, os pais vêm com seus filhos e podemos, então, esclarecer e ajudar essas pessoas, que muitas vezes não têm como obter as informações que precisam. Por isso a parceria com a Uninove é importante”, disse a coordenadora do projeto, Morgana Martins dos Santos.

Os alunos de ciências econômicas que participaram do evento tiveram de abdicar do domingo para ficar o dia todo prestando atendimentos e esclarecendo dúvidas. Participaram as alunas do 4º semestre Daiana Brizola Caldas, Beatriz Malfatti e Jennifer Caroline Neander, e os alunos do 2º semestre, Gilmar Faustino, Aline Guimarães Silva,

Josileude Cruz, Reinaldo Alves dos Santos Júnior, Jonathan Dias Fonseca, Fabiana Correia, Adelina de Oliveira e Gracielle Assis dos Santos. Além da coordenadora Paula Passanezi, esteve presente o professor de economia Adelmo França.

Todos estavam empolgados. “Acho gratificante o fato de contribuímos para uma qualidade social maior. Além do mais, é importante os alunos terem contato direto com uma realidade sócio-econômica muitas vezes diferente da deles”, disse o professor Adelmo França.

O grupo elaborou uma cartilha com informações sobre o que é previdência, e tudo sobre aposentadoria por idade, por tempo de contribuição, por invalidez, auxílio-doença, auxílio-acidente, salário maternidade, salário família e pensão por morte. A pessoa podia ainda obter os telefones e endereços da Previdência Social em cartazes espalhados pelo local.

A aluna do 4º semestre Daiana

Brizola Caldas explicou qual era a função dos estudantes: “O objetivo principal é dar suporte à comunidade, esclarecendo dúvidas sobre os benefícios e preparando-os para que cheguem às agências da Previdência com todos os documentos e cientes do que será solicitado, de modo que o benefício seja recebido sem atraso por causa da ausência de documentos ou informação”.

A coordenadora do curso de ciências econômicas, Paula Passanezi, dava todo apoio possível aos alunos, e resumiu a situação. “É a primeira vez de todos nós, é um desafio extremamente importante do aluno entrar em contato com a realidade. Vamos dar informações que cabem ao economista esclarecer à sociedade. Muitas pessoas não conhecem seus direitos”.

Manuel de Carvalho, que procurou informações sobre aposentadoria, elogiou o atendimento. “É muito legal isso, consegui informações que eu queria sobre o benefício da aposentadoria. Estou com 57 anos, e agora sei que posso me aposentar por idade com 65 anos”.

Ao final do dia, todos alunos aprovaram a participação no evento. “Achei bacana dar a oportunidade para as pessoas se informarem. Foi uma experiência legal, novidade para mim. Uma ação social, bastante produtiva. Aprendi muito”, disse Beatriz Malfatti. Reinaldo Alves dos Santos Júnior também teve a mesma opinião. “Acho legal trabalho voluntário, enaltece a pessoa. Deixa um estado de espírito legal. Fiquei feliz em poder ajudar algumas pessoas”.

Além da presença da Eletropaulo e Uninove, a comunidade que participou do evento também podia cortar o cabelo com os estudantes voluntários da escola de cabeleireiros Teruya. “É bom participar, aprendo mais colocando em prática. Também é legal para a comunidade”, disse Katia Cristina, uma das estudantes que cortou os cabelos das pessoas ao longo do dia.

Como o projeto AES Eletropaulo é voltado ao público infantil, as crianças tinham a oportunidade de escolher entre diversas brincadeiras, todas relacionadas à energia. Uma das atrações

eram bicicletas que, com energia gerada ao serem pedaladas, acendiam luzes. As crianças pedalavam em três bicicletas e vencia quem acendesse todas as letras da palavra “Eletropaulo” primeiro.

Além das brincadeiras, palhaços circulavam alegrando o ambiente, tocando músicas e marchinhas e tentando atrair o público para perto das tendas informativas.

Uma verdadeira festa para as crianças, que corriam alegres, enquanto seus pais observavam e também aproveitavam para tirar dúvidas. “Estou gostando muito desse evento, sempre tem algo que aprendemos. Tem coisa que a gente já sabe, mas reforçar sempre é bom”, opinou a massoterapeuta Zilda Andrade, que estava com o filho de 9 anos. “Ele está adorando os brinquedos”.



Voluntária da escola Teruya, cortando cabelo de criança carente



Palhaços que alegravam o ambiente

## Ação politicamente correta chega à cozinha com o “Ecofogão”

Por Adriano Brasílio Leite *Brasileiro, após implantar o Ecofogão no exterior e ganhar prêmios pelo projeto, disponibiliza a nova tecnologia do uso da lenha no Brasil.*

Idealizado pelo engenheiro brasileiro Rogério Carneiro de Miranda, o projeto do Ecofogão surgiu com a intenção de ajudar as famílias pobres centro-americanas em Honduras e na Nicarágua. Agora está sendo disponibilizado no Brasil através da Ecofogão Indústria Ltda.

“O objetivo principal do projeto é dar às pessoas a opção tecnológica de poder usar a lenha de uma forma mais humana, sem prejudicar a saúde, e mais racional, sem prejudicar o meio ambiente”, diz Miranda.

O Ecofogão é todo fechado, lacrado, e não há contato entre a fumaça e a fuligem com o ambiente interno da casa, isto é, não suja panelas ou paredes e nem a pessoa que está cozinhando fica exposta à fumaça. Isso é importante tanto para reduzir o lançamento de gases que provocam o aquecimento global, quanto para a saúde: respirar fumaça de lenha, carvão ou esterco mata 1,6 milhão de pessoas todos os anos no planeta. Ou seja, uma vida é perdida a cada 20 segundos, principalmente crianças e mulheres, segundo a Organização Mundial da Saúde.

O Ecofogão pode ser instalado rapidamente e é prático, permite cozinhar com panelas grandes ou várias pequenas, além de cozinhar diretamente na chapa. “Geralmente, com o Ecofogão se gasta até 50% menos lenha do que com um fogão tradicional. Além de aproveitar melhor a energia, ocupa pouco espaço e ainda tem a vantagem de ser portátil”, diz Ronaldo Carneiro, irmão do engenheiro Miranda, que trabalha com ele.

Em áreas urbanas, seu uso reduz o gasto com a compra de GLP (gás de cozinha); já nas áreas rurais, o tempo de coleta de lenha diminui devido ao seu baixo consumo.

Vivendo durante um período em Honduras, o engenheiro se surpreendeu com a importância da lenha na



Miranda sendo recepcionado pelo Príncipe Charles, na Inglaterra

vida das pessoas da região. “Para você ter uma idéia, quase 60% das casas em Honduras e na Nicarágua usam lenha e 70% de toda a madeira consumida nos dois países é como lenha para a cozinha”, diz.

Mesmo assim, os governos latino-americanos não se preocupam com esta madeira de uso doméstico. “Ninguém quer trabalhar com isso que, na verdade, é um grande problema social”. Assim como no Brasil, as autoridades de lá se preocupam, segundo Miranda, “só com as outras duas fontes de energia doméstica: o gás e a eletricidade, energias consumidas pelas camadas que têm mais dinheiro”.

Vendo nessa situação “um campo aberto”, ele decidiu criar a ong PROLEÑA, “Para lidar com a lenha de uma maneira mais moderna, racional e ecologicamente sustentável”.

O primeiro e mais importante projeto da PROLEÑA foi o Ecofogão.

O Ecofogão já ganhou dois importantes reconhecimentos: o prêmio Ashden de energia renovável, entregue pessoalmente pelo príncipe Charles, na Inglaterra; e o prêmio Planeta Casa, no Brasil.

No Brasil, o Ecofogão foi introduzi-



Modelo do Ecofogão

de Cooperação Internacional –ABC – e da Universidade Federal de Viçosa. O aparelho já está sendo vendido em três versões, com preços entre R\$ 320 e R\$ 769. “O interessante é que aqui no Brasil a classe média usa fogão de lenha”, comenta Miranda, arrematando que “na Nicarágua, fogão de lenha é visto somente como coisa de famílias mais pobres”.

## Secretária de Transportes trabalha para melhorar transporte coletivo

Por Marcel Agarie *Objetivo é que cidadãos não andem mais de 500 metros até o ponto e espera deve ser de no máximo vinte minutos*

São sete e quinze da manhã. O rapaz espera pelo seu ônibus na avenida Celso Garcia, que está mais de trinta minutos atrasado. Impaciente, não pára de olhar o relógio. Para se acalmar, acende um cigarro.

Surge o ônibus no horizonte, lotado, que pára no ponto. Uma multidão tenta entrar. Parece impossível, mas todos acabam se ajeitando. Lá vão eles rumo ao terminal Parque Dom Pedro para mais um dia de trabalho.

Este desconforto faz com que muitas pessoas que podem escolher entre o veículo particular e o transporte coletivo, prefiram a primeira opção. No entanto, quem não tem outra escolha é obrigado a conviver com este caos diário.

As longas esperas em pontos e os apertos inconvenientes nos ônibus são os principais problemas citados pela população. A estudante Karla Borges, que mora em Interlagos e trabalha em Pinheiros, faz todos os dias este percurso de carro, mesmo sabendo que poderia ter um custo menor indo de coletivo. Ela reclama que os ônibus demoram muito e estão sempre lotados. “Venho de carro pelo conforto”, confessa.

O Secretário Municipal de Transportes, Frederico Bussinger, acredita que só haverá maior participação do transporte coletivo quando a sua qualidade melhorar. “Precisamos criar um sistema de transporte que atenda as pessoas conforme suas necessidades”, explica.

Para atender a necessidade da po-

pulação, a Secretaria de Transportes trabalha com objetivos. A primeira é que nenhum cidadão precise andar mais de 500 metros para chegar até o ponto. A segunda é que ele não espere mais de vinte minutos pelo ônibus. Por último, o mais complicado, é manter uma lotação média de seis pessoas por metro quadrado. “Queremos transformar isso em parâmetro de controle de qualidade”, afirma Bussinger.

E para quem acredita que aumentar a quantidade de ônibus reduz o

problema da lotação, o secretário tem uma resposta lógica. “Para aumentar a oferta de transporte é preciso ter mais partidas. E muitas vezes, para se ter mais partidas, é pre-

ciso ter menos ônibus”.

Uma ação que ajuda a reduzir o tempo de espera é aumentar o tamanho das portas de embarque e desembarque dos ônibus. “Quando se tem uma porta estreitinha você tem dificuldade para entrar e sair do ônibus. Você gasta de 20% a 30% do tempo de uma viagem nas paradas. Com uma porta mais larga, você consegue acessos mais rápidos”, explica o secretário municipal.

Também é comum passar um ônibus lotado e logo em seguida surgir um outro, com o mesmo destino, praticamente vazio. Para Bussinger, isto poderia ser resolvido com um sistema de informação eletrônico nos abrigos de ônibus que avisasse o usuário o tempo de espera para o próximo ônibus che-

gar. “Ao invés de embarcar no ônibus lotado, ele teria a opção de esperar”, alega o secretário, sem dizer quando isso será possível.

### Aumento de passageiros

O surgimento do Bilhete Único e a possibilidade de integrações entre os sistemas de transportes coletivos, ônibus, metrô e trens da CPTM, aumentaram o número de passageiros. Entre dezembro de 2005 e maio deste ano, 500 mil novas pessoas passaram a desfrutar do benefício.

Para Frederico Bussinger, o Bilhete Único trouxe melhoras para toda a população e para os empresários que dão vale-transporte aos seus funcionários, pois ambos passaram a pagar menos pelas viagens no sistema integrado.

Quem teve uma relativa desvantagem foi o poder público. “Como o pagamento para as operadoras é por passageiros transportados, quando o cidadão faz mais de uma viagem, o poder público não recebe mais, mas paga pela viagem do indivíduo”, lamenta o secretário. “No entanto, a perda não foi tão grande, pois o crescimento do número de passageiros foi espantoso”, completa em seguida.



Secretário Municipal de Transportes, Frederico Bussinger

**“Bilhete Único e integração viabilizaram aumento do número de passageiros e trouxeram benefícios para empresários e trabalhadores”.**

## Prostituição revela as dificuldades nas ruas de São Paulo

Por Kátia dos Anjos e Cátia Morais *Como forma de sobrevivência, o número de mulheres que se prostituem no Brasil tem aumentado a cada ano.*

Preconceito e violência são algumas das dificuldades que as “profissionais do sexo” enfrentam nas ruas de São Paulo, como a Augusta, na região central da cidade. Prostitutas desfilam pelas esquinas à disputa de clientes, que contratam os serviços das garotas somente pelo prazer fácil, como revela um jovem que não quis se identificar. “Saímos uma noite, pago um valor insignificante, ganho o prazer, e não preciso assumir compromisso nenhum”.

Segundo dados da Unicef divulgados em 2001, a exploração sexual no Brasil está relacionada à pobreza, ao crime organizado e ao tráfico de drogas. O estudo indica que o número de brasileiras envolvidas com a prostituição é um dos maiores do mundo e perde apenas para os Estados Unidos, Índia e Tailândia.

Entre as “profissionais” da rua Augusta está Priscila, 22 anos, que trabalha nas ruas há dois e é mãe de uma criança de três anos. Ela revela que, desde o início de sua adolescência, sentiu-se fascinada pela profissão. “Isso

me chamava atenção tanto pelo dinheiro quanto pela fantasia, mas não tinha coragem e ainda era menor. Quando completei 18 anos logo engravidei. Com o nascimento de mi-

nha filha decidi vir para a capital paulista procurar emprego, porém, devido às dificuldades achei que seria melhor fazer programas”. Priscila esconde sua profissão dos familiares. Ela explica que eles não compreenderiam por pertencerem a outra

geração. “As pessoas mais velhas jamais aceitariam uma mãe de família se prostituindo para sobreviver, por isso somente minha irmã de 19 anos sabe a verdade”. A irmã, Luciana, aliás, também seguiu o mesmo caminho e passou a se prostituir há cerca de um ano.

Ao falarem da legalização da profissão, muitas garotas de programa defendem a idéia de que seria uma forma de acabar com a exploração. “Regularizando a profissão seríamos reconhecidas pelo trabalho, acabariam

as explorações e teríamos direitos reconhecidos por lei”, diz Luciana.

### Sofrimento

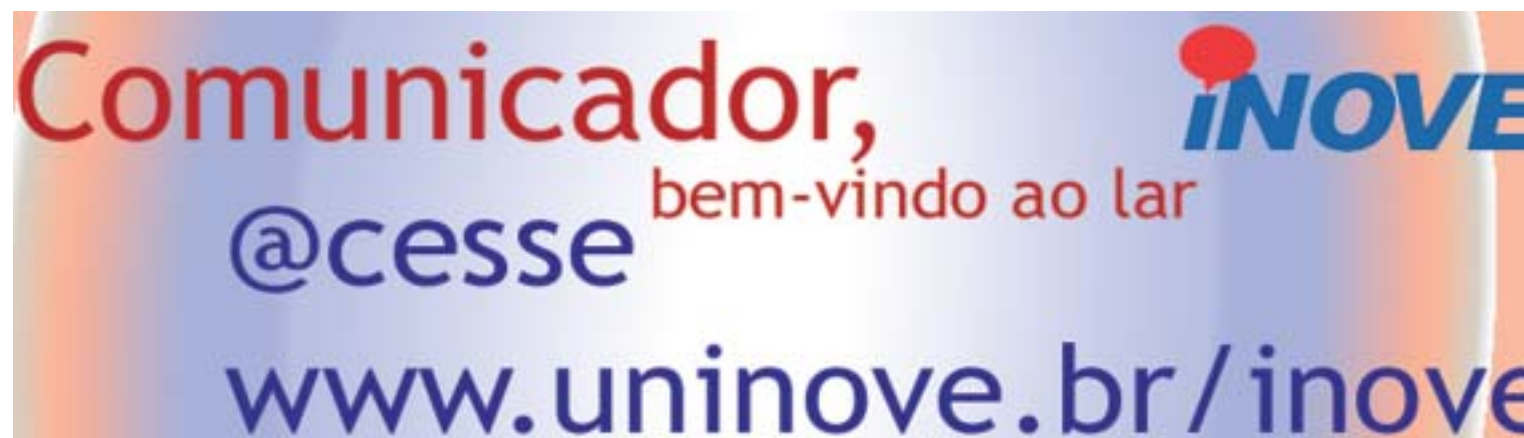
O mesmo corpo que fornece o prazer, no entanto, também sofre impactos físicos e psicológicos. As próprias garotas declaram que o ato da prostituição é sentido como uma violação. De modo a suportar as múltiplas invasões dos seus corpos, recorrem a drogas e álcool para entorpecer a sua dignidade e integridade física.

Entretanto, é fácil perceber que elas não estão à procura do prazer e sim de uma melhor condição de vida.

Para Larissa Zeggio, psicóloga e professora universitária, é possível dizer que as prostitutas utilizam o sexo como uma forma de satisfazer suas necessidades básicas (fome, sede e abrigo), pois é ele que fornece os subsídios necessários para que continuem vivendo.

A psicóloga explica que é um problema mais social do que psicológico e acredita que a sociedade não tem condições estruturais de acolher essa população em fase economicamente ativa. “É necessário melhor distribuição de renda, acesso à educação e saúde pública de qualidade, que permitirão a elas buscar uma posição no mercado de trabalho”, argumenta.

**“Regularizando a profissão seríamos reconhecidas pelo trabalho”**



# Agência de ecoturismo lidera manifesto contra prostituição infantil

Por Jaqueline Queiroz *Apoiados por cidadãos brasileiros, agência colhe assinaturas e encaminha à ONU para combater a prostituição infantil no Brasil*

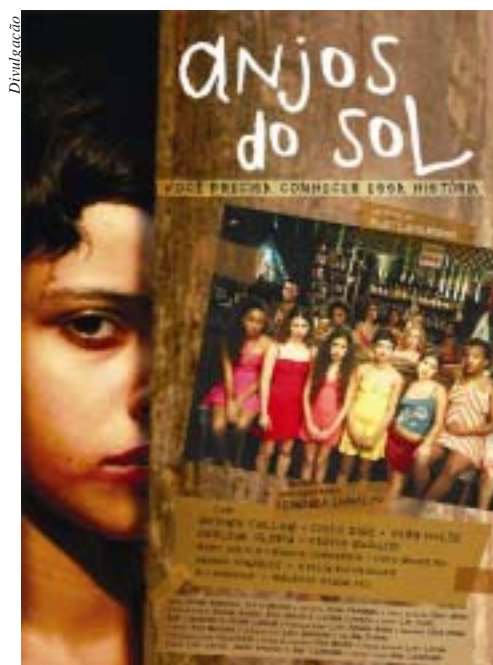
Cerca de 100 mil crianças e adolescentes são exploradas sexualmente no Brasil, na maioria das vezes por turistas e com a conivência de seus próprios pais, segundo um levantamento realizado em 2005 pela Secretaria dos Direitos Humanos (SEDH), Unicef e Universidade de Brasília (UNB). Atualmente, este "mercado" tornou-se muito rentável para diversos setores da sociedade.

O levantamento identificou 932 dos 5.561 municípios brasileiros onde ocorre este ato. Somente no Estado de São Paulo foram registrados casos em 93 cidades. O problema agrava-se no Rio de Janeiro, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Bahia.

A SEDH mantém um disque denúncia nacional que recebe e encaminha denúncias desta natureza para os órgãos de defesa de responsabilização. O Disque 100 registrou, na primeira quinzena de julho, uma média de 32 ligações diárias.

Essa prática transformou-se no terceiro mais rentável comércio mundial, atrás apenas da indústria de armas e do narcotráfico. Os principais clientes são turistas estrangeiros, motoristas de táxi e caminhão, gerentes de hotéis, policiais e até políticos.

A.A.P., 17 anos, conta que seus cli-



Cartaz do filme Anjos do Sol

entes, em geral, são empresários que vêm para São Paulo a negócios. "Eu vim parar nessa vida porque eu e meus irmãos passávamos fome, minha mãe estava sempre desempregada, eu tinha que conseguir um jeito de ajudar, e foi essa maneira que encontrei, de ajudar e me manter".

A Campanha Nacional pelo Fim da Exploração, Violência Sexual contra a Criança e Adolescente e do Turismo Sexual mobilizou vários setores da sociedade, representantes do Judiciário e do

Legislativo, movimentos sociais e ONGs.

A Freeway Brasil, operadora de ecoturismo, lidera uma campanha contra o turismo sexual infantil, juntamente com a EMBRATUR; Ministério do Turismo; Iniciativa de Operadores de Turismo (TOI), órgão ligado a Organizações das Nações Unidas (ONU); Órgão Mundial de Operadores na Promoção do Turismo Sustentável; Unicef; Organização Mundial do Turismo (OMT) e vários outros órgãos mundiais. Tais entidades já recolheram mais de mil assinaturas no "Abaixo Assinado Contra a Exploração Sexual Infantil no Turismo". Todas as assinaturas são encaminhadas à ONU.

Edgar Werblowsky, diretor da Freeway e do TOI, está satisfeito e quer dar continuidade à campanha por todo o Brasil. "Nós não obrigamos e nem pedimos para ninguém assinar. Os brasileiros que estão conscientes do problema e querem realmente contribuir para que acabe a exploração sexual infantil no país. E isto é importante". Quem quiser contribuir com a campanha e assinar o abaixo assinado pode acessar o site [www.freeway.tur.br](http://www.freeway.tur.br). Mais informações para empresas que querem fazer parte da campanha estão disponíveis no site [www.thecode.org](http://www.thecode.org).

## Livro e filme retratam exploração

A realidade da exploração sexual de crianças e adolescentes já foi denunciada em uma série de reportagens do jornalista Gilberto Dimenstein publicadas na Folha de S.Paulo de 1991 a 1992. O material serviu como base

para o livro "Meninas da Noite".

No cinema, neste mês de agosto, foi lançado o filme "Anjos do Sol", de Rudi Lagemann, que aborda a prostituição infantil. O longa metragem conta a história de Maria, uma menina que se tor-

na "menina da noite" e perde o controle da própria vida. Seu destino fica nas mãos de sua família, intermediários, transportadores, cafetina e cafetão, capataz, político, fazendeiro, garimpeiro e agente de polícia.

## LEGISLAÇÃO

## “Lei Maria da Penha” é vitória feminista contra a violência doméstica

Por Janaína Pereira

*Cearense é homenageada em Brasília por ser uma vítima da violência doméstica no Brasil.*

Na vida de cada um de nós existe ou já existiu alguma Maria. Em 7 de agosto de 2006, uma certa Maria entrou para a história. Ela foi homenageada em Brasília, no Palácio do Planalto, e se tornou a representação simbólica de todas as brasileiras que já foram agredidas, humilhadas e ameaçadas. Maria da Penha é uma cearense paraplégica que lutou 20 anos por justiça, vítima de um tiro disparado pelo seu próprio marido. Hoje ela empresta seu nome a “Lei de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher”, que altera o Código Penal e permite que agressores sejam presos em flagrante ou tenham a prisão preventiva decretada.

Lamentavelmente, o caso de Maria da Penha não é apenas uma triste lembrança. A violência dos maridos contra as mulheres persiste Brasil a fora. Em 2001, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos da ONU responsabilizou o país por negligência e omissão em relação à violência doméstica. Por tudo isso, a “Lei de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher” chega num momento importante. Essa legislação traz uma série de medidas para proteger a mulher que está em situação de agressão ou corre risco de vida. Entre elas, a saída do agressor de casa e a proteção dos filhos. Para a advogada Marta Azevedo Nunes, 46 anos, especialista em casos de violência doméstica, a lei precisa ser colocada em prática com urgência. “Sabemos que muitas mulheres resistem na hora de denunciar seus maridos. Elas temem o óbvio: sabem que voltarão para casa e serão espancadas novamente. Antes da “Lei Maria da Penha”, essa mulher agredida voltava para o lar ciente de que ia encontrar o agressor lá. Agora ela pode ter certeza de que ele será preso e de que

não vai mais pagar apenas algumas cestas básicas depois de seu ato violento.”

Com a nova lei, a violência psicológica passa a ser caracterizada também como violência doméstica. A mulher poderá ficar seis meses afastada do trabalho sem perder o emprego se for constatada a necessidade de manutenção de sua integridade física ou psicológica.

Estes fatores são fundamentais na recuperação da vida de uma mulher agredida ou ameaçada, segundo a psicóloga Eurídice Camargo, 52 anos. “Os danos psicológicos num caso de violência doméstica são enormes. A mulher fica coagida, presa dentro de sua própria casa. Muitas vezes ela se culpa pela agressão, por não agradar, de alguma forma, ao marido. A tortura e a ameaça são tão cruéis quanto a violência e a mulher precisa de toda e qualquer proteção”.

A pena máxima de detenção vai passar de um ano para três. Será criado também um juizado especial de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher para agilizar os processos. “A maioria das mulheres faz o boletim de ocorrência contra o agressor e depois não leva o caso adiante, pois sabe que os processos são demorados e que, no sistema atual, ela não é protegida.

Muitas desistem de fazer a denúncia depois do exame de corpo de delito”, comenta a médica legista Renata Barbosa Dias, 41 anos, que já atendeu várias mulheres vítimas de violência. “Já vi casos chocantes. Mulheres que ficam com o rosto desfigurado por apanharem muito. E o pior é vê-las voltando para casa, para novas sessões de agressão. Espero que a nova lei mude este tipo de situação.”

### ALUNOS DE PUBLICIDADE ESTÃO NA ETAPA REGIONAL DO PRÊMIO CENTRAL DE OUTDOOR

Treze trabalhos de alunos do curso de Publicidade e Propaganda sobre Violência contra a Mulher estão entre os 126 selecionados na etapa regional, categoria estudantil, do XV Prêmio Central de Outdoor 2006, promovido pela Central de Outdoor. O resultado dos finalistas da etapa nacional será divulgado no final de novembro.

O coordenador do curso de Publicidade e Propaganda da Uninove e diretor executivo da APP – Associação dos Profissionais de Propaganda, professor Wilson Pereira Dourado, integra a banca julgadora dos trabalhos nas categorias profissional e estudantil.

Segundo Dourado, os alunos têm demonstrado muita maturidade nas produções, o que revela a elevação do envolvimento entre coordenação, professores e alunos, reflexo das melhorias que vêm sendo implementadas no curso. “O resultado da etapa regional supera nossas expectativas, pois o número representa mais de 10% do total de trabalhos selecionados, em todo o estado de São Paulo. Os nossos alunos optaram por uma estética que expressa com delicadeza a seriedade do problema, abandonando a tendência que há em explorar o sensacionalismo das imagens que giram em torno da violência”, analisa Dourado.

Além do coordenador, ainda participam da banca julgadora, outros dois publicitários da Uninove, professor Ariovaldo Folino Junior, diretor de Educação à Distância e diretor da APP, e professora Juliana Porto Chacon, coordenadora adjunta do curso de Publicidade e Propaganda.

## Na onda do sapato plataforma

Por Lindinéia Lima *Se usado com cautela, a plataforma não traz danos à saúde*

Os calçados plataforma, que fizeram os pés e a cabeça de muita gente neste inverno, devem continuar nas próximas estações, no entanto, poderão causar danos à saúde dos usuários, como afirma especialista, devido ao seu modelo muito alto e pesado.

Os modelos variam muito, algumas são mais discretas, outras nem tanto, mas quase sempre são desconfortáveis e

pesadas, às vezes, esse peso ultrapassa 800 gramas cada, e medem até 11,5 centímetros de altura. Mas, o fato é que, os saltos altos e espalhafatosos tomaram conta do país. No inverno, as botas desse estilo figuraram nas ruas por todo Brasil, inclusive nos estados que fazem muito pouco frio, como os do norte e nordeste.

Os saltos plataforma são uma tendência oriental, pois eram usados na antiguidade por chineses e japoneses para aumentarem sua estatura e, geralmente, eram talhadas na própria madeira. Porém, de alguns anos para cá passaram a ser usadas pela juventude desses países, que aderiram ao antigo modelo só que com algumas adaptações, como fivelas e bordados, além de materiais mais modernos como camurça, couro e lona. Não demorou muito, para que essa modalidade fixasse residência por aqui.

A designer de sapatos, Sandra Silveira, também proprietária de uma loja do ramo na região dos Jardins, acredita que a tendência deva continuar, por mais algumas estações. Seja em formato de bota ou sandálias, o importante é que os saltos e anabelas continuem por mais algum tempo em evidência. Ela própria aprova o visual. Como a moda atual segue um retrospecto da década de 80, quando usa-

vam botas de cano alto por cima da calça, essas vieram a calhar, porque substituem as antigas de duas décadas atrás, com uma vantagem de deixar as mulheres com uma média de 10cm a mais.

As adolescentes, em especial, aderiram à modalidade, como várias garotas que ganharam até três pares de presente.

No entanto, especialistas alertam para o perigo que eles podem causar, como afirma

Henrique Cabrita, médico Ortopedista do Hospital das Clínicas de São Paulo, que chama à atenção para o uso indiscriminado desses calçados. Há vários problemas com sua utilização, diz ele, desde entorses e fraturas dos tornozelos, calosidade, dores lombares pelo excesso de peso, até queda com possibilidade de traumatismo craniano por se tratar de alturas elevadas dos saltos,

além de desenvolvimento de joanetes.

Dr. Cabrita alerta ainda que os saltos finos tendem a ser mais prejudiciais, se comparados com um plataforma da mesma altura porque, segundo ele, os finos proporcionam mais torções por haver um desnível muito grande entre o calcanhar e os dedos do pé. Neste sentido, o plataforma é preferível, mas não o isenta de ser também bastante prejudicial, podendo ser usado, mas com cautela.

Ele afirma também que a mulher, em especial a brasileira, tem na altura dos sapatos um diferencial, por isso se torna muito difícil mudar sua mentalidade, sendo quase impossível convencê-las a usar sapatos mais confortáveis, por exemplo. Seria mais prudente, segundo esse ortopedista, evitar o uso exacerbado dos saltos muito elevados e pesados, não usando-os diariamente ou por horas consecutivas evitando, assim, sérios problemas ortopédicos no futuro.

**“Saltos finos tendem a ser mais prejudiciais”, afirma ortopedista do Hospital das Clínicas**



Saltos altos e espalhafatosos tomaram conta do país

## ENTREVISTA

## “Os jornalistas precisam se inserir na vanguarda do mundo”

Por **Daniele Alves** *Repórter de A Página entrevista o jornalista que criou o estilo âncora mais conhecido do Brasil: “Isto é uma vergonha”.*

Com seu estilo particular, Boris Casoy tornou-se um mito no jornalismo. Sua autoconfiança sempre lhe forneceu coragem para emitir opinião sobre os assuntos mais polêmicos, tornando-se assim um dos âncoras mais bem pagos da televisão brasileira. Uma de suas marcas está nos bordões “Isto é uma vergonha” e “Passando o Brasil a limpo”, que ele utiliza durante seu discurso.

Em sua trajetória de vida encontramos garra, coragem e força, pois ao completar um ano de vida contraiu poliomielite, doença que lhe deixou seqüelas físicas, porém seu maior dano estava nas seqüelas psicológicas geradas pela discriminação em sua infância. “Como não podia andar, era um grande ouvinte de rádio, admirava aquele milagre da transmissão da voz”, afirma. Aos nove anos de idade foi operado nos EUA, onde recuperou seus movimentos.

A admiração pelo rádio o motivou na carreira de radialista espor-

tivo em 1965, na extinta Rádio Piratininga. Passado um tempo migrou para a mídia impressa, na qual foi Editor-Chefe da Folha de São Paulo. Porém, foi na televisão sua consagração pública como jornalista, na qual passou a maior parte de sua vida profissional, desde a década de 80.

Recentemente, deixou a última emissora por que passou, a Rede Record, alegando que não concordava com a repetitiva troca de horários de seu programa e as inovações jornalísticas que a empresa propunha.

Durante sua participação na Semana Estado de Jornalismo (veja Box), Boris Casoy deu a seguinte entrevista para A Página:

**A Página** – Dentre todos os meios de comunicação que você trabalhou, qual foi o mais marcante?

**Boris Casoy** – Cada um dos meios de comunicação em que eu trabalhei rádio, jornal, tv e assessoria de imprensa tem o seu sabor diferente. Eu não consigo responder a esta pergunta, cada um deles me marcou com um prazer profissional diferente. Eu mesmo me faço essa pergunta e não consigo imaginar em qual deles eu me dei melhor ou qual tenha me dado mais prazer de trabalhar.

**A Página** – Sua carreira começou pelo rádio por qual motivo?

**Boris Casoy** – Eu gosto e ouvia muito rádio quando era menino. Quando eu tinha 15 anos abriam um concurso na extinta Rádio Piratininga onde precisavam de um plantão esportivo. A rádio transmitia corrida de cavalos e precisavam de alguém que acompa-

### Uma aula de jornalismo

Por **Patrícia Campos**

Márcia Isabel Guerreiro, editora do Jornal Estado de São Paulo, esteve presente como uma das palestrantes na “Semana Estado de Jornalismo”.

“Ela é uma mulher de pulso firme e temperamento forte, sem esquecermos do seu excelente profissionalismo”, afirma Francisco Ornellas, coordenador do curso.

A palestra teve como objetivo preparar os jovens jornalistas para a rotina e agilidade de uma redação. Demonstrando que a apuração, a curiosidade, a objetividade e a precisão são peças fundamentais para um bom profissional. “O repórter é intérprete da vida. São contadores de histórias, que se envolvem entre o simples e o complexo”, afirma Márcia.

“Quando vocês chegarem à redação não verão aquela imagem de um repórter solitário, debruçado por horas seguidas em cima do seu texto, esperando a inspiração chegar. É preciso compreender que trabalhar na imprensa significa fazer parte de uma linha de produção, e essa linha não obedece mais à mão única, entre você e o seu editor”, afirma Guerreiro.

E ela ainda ressalta: “Vamos acordar. Seu concorrente está ao lado, seu colega hoje está aí, porém, amanhã pode estar escrevendo para a Folha, Veja, Estadão. Tomara que vocês estejam no New York Times, mas dormindo, não vai dar. Não vai chegar. Então comecem a treinar”.



“Só volto nas condições que me façam feliz”

## ENTREVISTA

nhasse os outros esportes, especialmente o futebol aos sábados e domingos durante a transmissão das corridas. Quando abriram o concurso me inscrevi e ganhei. Nessa época eu juntei duas coisas de que eu gosto muito, rádio e esporte. Hoje uma oportunidade dessa para um jovem seria quase impossível.

**A Página** – Já lançou ou pretende escrever algum livro?

**Boris Casoy** - Não, eu não pretendo.

**A Página** – Cite uma entrevista marcante que você tenha feito.

**Boris Casoy** - Tancredo Neves, para o jornal Folha de São Paulo. Aquela foi uma das últimas entrevistas que ele concedeu.

**A Página** -Uma reportagem difícil?

**Boris Casoy** - Não tenho reportagens difíceis na cabeça.

**A Página** - Quais são seus planos agora?

**Boris Casoy** - Ainda não sei, estou pensando. Em primeiro plano eu gostaria de voltar a traba-

lhar, afinal já descansei por sete meses. Já recebi alguns convites para voltar à televisão e para outros veículos, mas quero voltar nas condições que me façam feliz. Na verdade há muito tempo quero fazer um curso. E agora pretendo fazer veterinária, porque talvez, assim, eu entenda melhor os homens (risos).



Boris Casoy na semana Estado de jornalismo

## Semana Estado oferece oportunidade para jovens jornalistas

Por Paula Melo

A Semana Estado de Jornalismo, promovida pelo jornal “O Estado de S. Paulo”, existe há mais de dez anos, sempre em parceria com outras empresas. Neste semestre o patrocinador foi o Banco Real.

O projeto tem o objetivo de proporcionar uma aproximação dos estudantes com o cotidiano e a realidade da profissão de jornalista. Neste ano, foram integradas ao programa 40 faculdades paulistas de jornalismo, entre elas a Uninove, que foram divididas em quatro semanas de palestras.

Também foi realizado o 1º Prê-

mio Banco Real Jovem Jornalista. Os alunos que compareceram a todas as palestras deveriam produzir uma reportagem sobre um tema específico. Os melhores textos foram publicados no jornal e os autores ganharam um computador.

No final do ano, uma comissão julgadora, formada por jornalistas e representantes do Banco Real, terá de escolher uma reportagem vencedora. O autor ganhará uma bolsa de extensão universitária na Universidade de Navarra, na Espanha.

“Este programa se adapta à nossa crença de fazer sempre mais que o

**A Página** – Que recado você deixaria para os jovens jornalistas?

**Boris Casoy** - Vocês têm que se preparar. Têm que ler muito, acompanhar os fatos, ler jornal diariamente e meditar sobre os fatos. Precisam cuidar da sua preparação intelectual com a leitura de livros. Os jornalistas precisam se inserir na vanguarda do mundo.

## Nas asas do Ventura

Por Carolina Guida Ramos e José Fernando Rodrigues da Cruz

*Dirigível da Goodyear se tornou conhecido em São Paulo com a realização de vôos panorâmicos*

Não foi fácil chegar perto do grande balão azul que circula pelo céu de São Paulo. Batizado de Ventura, propriedade da empresa Goodyear, mais conhecida no Brasil por fabricar pneus, o dirigível já faz parte do cenário urbano.

A busca por informações sobre o dirigível começou no dia 10 de maio, quando fizemos o primeiro contato telefônico com a companhia, mas sem nenhuma promessa.

A tentativa para conseguirmos a tão sonhada entrevista nos custou vários impulsos telefônicos sem a resposta positiva que gostaríamos de receber.

Quando não está voando, o grande balão azul pode ser visto estacionado no Campo de Marte, na zona norte de São Paulo. Quem passa pelas proximidades costuma ver o dirigível decolar para vôos panorâmicos diariamente, além das já famosas participações em transmissões esportivas pela televisão, com tomadas aéreas.

O dirigível é feito de poliéster, revestido de neoprene, o que dá a aparência metálica e brilhante. A nave mede 55 metros de comprimento, 18 de altura e 15 de largura. A manutenção é feita em uma base militar no Rio de Janeiro, onde o acesso ao público é restrito.

Em São Paulo, no Campo de Marte, a reportagem de A Página foi recebida pelo capitão Roberto, responsável pelo comando do Ventura. Segundo ele, é comum a realização de vôos panorâmicos com convidados da própria Goodyear a bordo.

O capitão Roberto ainda mostrou os dois motores e o painel luminoso no lado esquerdo do diri-



Dirigível da Goodyear

gível pelo qual são transmitidas mensagens, segundo ele, digitadas por um teclado comum de um computador.

No material informativo sobre o Ventura, estão apresentadas especificações técnicas, como a utilização de dois motores laterais para a realização de manobras e que, com os motores desligados, o balão flutua no ar. Para o pouso,

basta liberar o gás hélio gradativamente.

A cabine do dirigível tem capacidade para cinco pessoas, mais o piloto. Ainda há uma equipe de solo com 18 pessoas e os vôos são acompanhados por terra com a utilização de caminhões e vans. A velocidade máxima do Ventura é de 80 km/h e a altitude máxima é de 3 mil metros.



Ventura pousado no Campo de Marte

## Beisebol se populariza no Brasil e exporta jogadores

Por Leonardo Pollisson

*Mesmo com a concorrência dos japoneses, brasileiros buscam profissionalismo no Beisebol*

Você conhece Kleber Ojima? Thiago Magalhães? E Paulo Orlando? Provavelmente não. Mas se alguém contasse que os três são esportistas brasileiros que brilham no exterior você acreditaria? Kleber é uma estrela em Taiwan, já Thiago e Paulo são jogadores de sucesso em divisões inferiores da MLB, liga de beisebol americano. É isso mesmo, baseball, ou pra nós aqui, beisebol. Um esporte trazido ao Brasil pelos imigrantes japoneses após a 2ª Guerra, mas que aos poucos tem conquistado adeptos. Segundo a CBBS (Confederação Brasileira de Beisebol e Softball), já são mais de 30 mil praticantes, 120 times espalhados pelo Brasil inteiro e, aproximadamente, 55 campeonatos nacionais e internacionais por ano.

Uma das estrelas nacionais que logo estará brilhando nos campos do exterior é Pedro Ivo, paulista da cidade de Marília, mas que joga no time da capital ligado à confederação. Pedro, que é mestiço de japoneses, treina na academia do Complexo Beisebolístico da Yakult. Atualmente, não ganha nada para jogar. “Comecei em Marília, aos oito anos, e acabo de completar

dezesseis. Hoje treino no CET da Yakult aguardando uma oportunidade de ir para fora”, explica Pedro.

Thiago Colletti, jogador do Bacamartes Beisebol de São Paulo, time que não é ligado à confederação, diz que o esporte está muito centralizado onde existem colônias japonesas, como por exemplo, no Paraná. Ele ressalta a falta de apoio da CBBS aos amadores, e diz que o beisebol vem se popularizando por meio dos esforços dos próprios jogadores. “O esporte está crescendo entre os brasileiros e formando grupos de atletas em locais pouco comuns, como por exemplo, o Rio de Janeiro onde não há colônia japonesa. Sem falsa modéstia, somos um pouco responsáveis por isso”, explica Colletti orgulhoso. Por ser jornalista, ele ajuda na divulgação com os contatos que tem nas mídias impressa e televisiva. “Cada um faz o que pode”, completa.

Além do pouco apoio da CBBS, Thiago Colletti fala do preconceito dos descendentes de japoneses em relação aos brasileiros que praticam o beisebol. “É difícil explicar, mas o beisebol é uma parte pura da colônia



No Brasil, já são mais de 30 mil praticantes do esporte

japonesa no Brasil. É um esporte no qual as tradições deles são evidentes: respeito, concentração e organização. Se abrirem as portas desse esporte, sem dúvida os brasileiros terão um enorme sucesso, porque temos mais raça e vontade” diz Thiago, que acredita que os japoneses perderiam o espaço que têm.

Segundo Antonio Shozo, árbitro ligado à confederação, um dos motivos que não deixa o esporte no Brasil se popularizar é o alto custo dos acessórios. “Uma boa luva, hoje, custa em torno de 250 dólares, e são importadas. No Brasil, só encontramos luvas mexicanas, e não saem por menos de 300 reais”, conta.

Os fanáticos por esse esporte organizam reuniões, aos domingos, em pubs e bares da cidade para acompanharem as transmissões dos jogos americanos pela TV. Além disso, os praticantes podem procurar um dos diversos campos que existem no Brasil. Na cidade de São Paulo os mais conhecidos são o do “Mutingão”, em Pirituba, e o do Bom Retiro porque são os mais frequentados pelos praticantes.

### QUANDO É GOL NO BEISEBOL?

Pode parecer brincadeira, mas quem nunca viu um jogo de beisebol fica realmente perdido no primeiro momento. Por isso vamos dar algumas dicas para você ficar ligado.

- São duas equipes, com nove jogadores em campo, e um sem limite de jogadores na reserva. Normalmente, um time leva ao jogo cerca de 20 jogadores.

- Em cada entrada, um time diferente ataca e o outro defende. Ambos têm sete entradas, e os pontos só podem ser feitos quando o time está atacando.

- Cada equipe dispõe de um arremessador, um receptor, um primeira-base, um segunda-base, um terceira-base,

um interbases (Short-Stopper) e três defensores (fielders), centro, direito e esquerdo.

- O jogador que for o bateador, assim que acertar a bola, passa a ser chamado de corredor, tem que dar a volta no campo, sem que o time que defende, recupere a bola, e o acerte. Por isso, há bases nas extremidades do campo, onde ele aguarda que o próximo bateador acerte a bola, para ele continuar a correr.

- O ponto é marcado quando o bateador/corredor completa uma volta no campo.

- O juiz que fica logo atrás do bateador analisa as bolas jogadas pelo time que está se defendendo, dizendo se é bola ruim ou strike. Três strikes lançados pela defesa, e nenhum acerto do bateador, ele está fora.

- O lançador tem sete chances de jogar a bola e pode errar quatro bolas, ou seja, pode jogar apenas quatro bolas ruins e três boas. Se errar mais do que três bolas, ele está fora.

- Termina a rodada quando um dos dois times perde três jogadores.

- Quando o time que deve fazer a última entrada, das sete que cada um tem direito, está na frente, o juiz cancela essa entrada, pois eles não precisam dos pontos, já que o jogo já está ganho.

- Se o jogo fica empatado até a última entrada, ambos os times têm direito a mais uma, e mais uma. Não há empate no beisebol.

## Direitos Humanos em imagens



A lei disporá sobre normas de construção dos logradouros e dos edifícios de uso público e de fabricação de veículos de transporte coletivo, a fim de garantir acesso adequado às pessoas portadoras de deficiência.



São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.



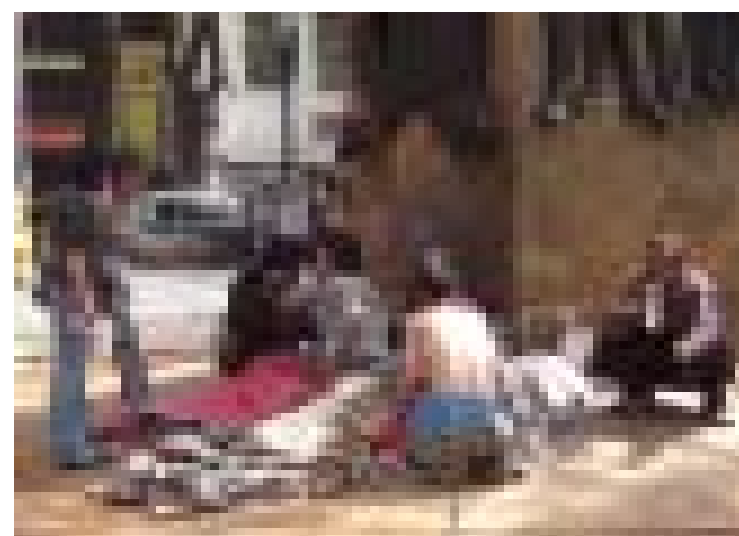
Proibição de trabalho noturno, perigoso ou insalubre aos menores de dezoito e de qualquer trabalho a menores de quatorze anos, salvo na condição de aprendiz.



É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.



Todo o homem tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego.



Ninguém será submetido a tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante.